



Paula Abramo

Ieda Magri e André Conforte entrevistam
Paula Abramo, tradutora e poeta mexicana

Ieda Magri and André Conforte interview Paula Abramo,
Mexican poet and translator

Em ensaio de 1986, recentemente traduzido por Joca Wolf e publicado no *Suplemento Pernambuco* com o provocador título “Desdenhosa ignorância da literatura do Brasil”, César Aira escreve que os escritores argentinos não souberam aproveitar o prazer que “a mais rica literatura do continente, a brasileira”, poderia ter proporcionado a leitores cultos argentinos nos séculos passados. Sabemos que a Argentina e o México são polos importantes de tradução de nossa literatura no século 19, ficando atrás apenas da França. Quem hoje é considerado nosso maior escritor, Machado de Assis, foi traduzido, sim, mas não tão lido a ponto de figurar nos comentários desses homens cultos de que fala Aira.

A partir daí, começamos nossa conversa com Paula Abramo, tradutora formada em Letras clássicas pela UNAM e poeta cujo trabalho se destaca neste momento ao traduzir todos os contos de Machado de Assis para o espanhol. Além desse vultoso projeto, Paula Abramo também traduziu Raul Pompeia, Clarice Lispector, Luiz Ruffato, Ana Martins Marques, Angelica Freitas e outros importantes autores brasileiros e portugueses. Em seu blog <http://traicionarespreciso.blogspot.com/> mantém um trabalho assíduo de tradução de poemas e trechos de prosa de autores contemporâneos brasileiros que a presentearam com seus livros em suas viagens ao Brasil. Ou seja, além de todo o profissionalismo de Paula Abramo, há também todo um projeto pessoal, afetivo mesmo, um trabalho incansável que é o de dar a conhecer a literatura brasileira aos leitores do México e, por extensão, aos leitores de língua espanhola.

Paula tem de fato uma relação especial com o Brasil: filha de pai brasileiro, exilado no México durante a ditadura militar, e de mãe mexicana, tem uma história particular, como diz ela na entrevista a seguir, “porque cresci numa casa em que o português era falado cotidianamente e era também a língua da literatura e da memória”.

MATRAGA: Você poderia falar um pouco de seu projeto de tradução de Machado? Por que todos os contos? Você encontrou contos esquecidos e que consideraria de “primeira grandeza”, ou os recortes já existentes de sua obra seriam acertados? Em que momento da tradução você está? Há alguma editora interessada em publicar sua tradução?

PAULA ABRAMO: Bom, o meu primeiro impulso foi o desejo de ler esses contos com a intensidade que o exercício da tradução exige. Eu me considero, antes de mais nada, uma leitora que com certa frequência sente uns ímpetos de compartilhar as suas leituras. Nesse sentido, eu também tinha (e tenho) desejos de dar aos eventuais leitores a possibilidade de escolher, dentro do imenso conjunto de contos que Machado escreveu, os seus preferidos, com independência do autocânon machadiano, que pode, sim, ser questionado. Penso na possibilidade de criar algumas guias de leitura para que os eventuais leitores em espanhol naveguem esse oceano. Estou ainda numa fase inicial do processo, isto é, na elaboração dos primeiros rascunhos, e por isso não me sinto autorizada para falar desse prodígio que é o autor. Posso dizer apenas que encontrei, fora do conjunto de contos publicados nas famosas sete antologias, uma importante quantidade de contos que, na minha opinião, merecem ser mais lidos e traduzidos. Ficaram fora das antologias os contos fantásticos ou oníricos, como, por exemplo, “Rui de Leão”, em que Machado parece gozar do indianismo ainda antes da morte do Alencar, ou o engraçadíssimo “Decadência de dois grandes homens” (1873), ou os mais obscuros “O capitão Mendonça” (1870), “Um esqueleto” (1875) e “Sem olhos” (1876), que quase beiram o terror. Sem falar do crucial “Mariana” (1871), em que algumas das violências do sistema escravocrata são expostas sem papas na língua. E estou citando somente alguns exemplos da primeira fase da produção machadiana. Não concordo com aqueles que condenam em bloco os contos dessa fase alegando um valor artístico escasso, pois neles está presente, aqui e ali, o gênio zombeteiro do Bruxo, aparecem algumas das preocupações que foram constantes na sua obra, e a prosa desses anos, se não é tão densa em ironias, penetração e mensagens ocultas, não deixa de ser uma prosa de primeira qualidade, viva e engraçada, com poucas exceções. Acho que inclusive os contos menos potentes e mais convencionais o são somente em termos relativos, se comparados com os melhores momentos do autor (comparação até certo ponto injusta), e poderão encontrar os seus leitores em castelhano.

Estou fazendo essas traduções graças ao *Sistema Nacional de Criadores de Arte*, uma bolsa do Estado com duração de três anos. Em novembro vou terminar os rascunhos. Duas editoras já mostraram interesse no projeto, mas a crise causada pela epidemia de covid-19, que está atingindo duramente o setor editorial, com certeza vai atrasar qualquer plano de publicação.

Você vem de uma família marcada por um profundo engajamento político, engajamento que levou tanto seu avô quanto seu pai à difícil experiência do exílio. Como você vê, em face desta história familiar, o fato de se evocar, amiúde, uma suposta falta de envolvimento político de Machado de Assis em relação às bandeiras políticas de seu tempo, como o abolicionismo? Você acha que a

crítica social encontrada na sua literatura o redimiria desse distanciamento pessoal da política, se é que concorda com essa tese?

Eu penso que as histórias e lutas que viveram os meus antepassados não me conferem nenhuma autoridade para outorgar ou negar redenções. Acredito apenas (com convicção) que aqueles que lutaram e lutam pelo direito da arte de falar explicitamente de política tem sido historicamente também os mais sensíveis no sentido de defender uma arte livre, não obrigada a nada, nem sequer a ser politicamente explícita. Penso em Trotsky e Breton, por exemplo, e no seu “Manifesto por uma arte revolucionária independente”. A arte que eu admiro é aquela que enxerga a realidade em sua complexidade e revela as contradições que a atravessam. Nesse sentido, Machado é um dos maiores mestres de lucidez da literatura universal, e soube manter uma posição de independência (não de isenção nem de indiferença) admirável diante dos turbilhões históricos e retóricos do seu tempo. Ele teve ainda a fantástica ousadia de, sendo um homem negro nascido no morro, “esculachar” nas suas obras as elites escravocratas e patriarcais do Brasil (elites que eram o seu público leitor), com tanta habilidade e sutileza que ainda hoje são descobertos constantemente novos vieses ricos de interpretações nas entrelinhas dos seus textos.

Além de Machado de Assis, você também traduziu Clarice Lispector e vem traduzindo vários escritores contemporâneos brasileiros, entre eles Luiz Ruffato, Verônica Sttiger e Ana Martins Marques (esta para a Kriller 71 ediciones, editora espanhola). Como você vê a literatura contemporânea brasileira? Crê que ela perdeu relevância ou que ainda tem sua força?

Eu me considero antes de mais nada uma leitora: uma leitora que é capaz de fazer, às vezes, uma ponte com outros leitores. Nesse sentido, compartilho os meus entusiasmos (e certas propostas da literatura contemporânea brasileira são parte desses entusiasmos), mas acho que não sou eu quem deve julgar a relevância ou a força dessa literatura em termos assim, absolutos. Nem todos os autores que tenho traduzido foram escolhidos por mim, mas muitos deles, como os aqui citados, são extremamente fortes e relevantes para mim e, como tenho uma certa noção do que pode ser interessante para os leitores do México, país onde moro e de onde escrevo e traduzo, penso que esses textos também podem vir a ser relevantes para eles. Caberá a esses leitores, por sua vez, julgá-los. O que me interessa é criar essa possibilidade de diálogo.

Como se deu seu interesse pela língua, pela cultura e pelos escritores brasileiros? Quais aspectos de sua biografia, além de sua formação, levaram você a ser uma das mais ativas e importantes tradutoras da literatura brasileira no México?

Agradeço muito a generosidade das suas palavras! Sou apenas uma de muitos tradutores de literatura brasileira no México, alguns deles fantásticos, como María Auxilio Salado e Juan Pablo Villalobos. A minha história é particular porque cresci numa casa em que o português era falado cotidianamente e era também a língua da literatura e da memória. Aprendi a falar simultanea-



mente espanhol e português, mas durante anos o único falante de português à minha volta foi meu pai. O Brasil era um lugar a que eu sentia pertencer vagamente, num sentido pouco claro para mim (continua pouco claro), mas a que não tinha acesso, e isso me causava uma grande curiosidade. A gente não tinha contato com outros brasileiros. Tinha, isso sim, uma estante cheia de livros em português, que eu lia e queria dividir com os meus amigos. Foi isso que me levou à tradução. O primeiro livro que traduzi foi *Feliz ano velho*, de Marcelo Rubens Paiva, aos 13 anos. Nunca publiquei, claro. Traduzi em 4 cadernos e dei de presente para umas amigas que tinham me presenteado com um livro (mexicano) extremamente reacionário e misógeno. Foi uma espécie de resposta. Também foi um primeiro entusiasmo dividido. Depois disso não parei de traduzir. É claro que fui me profissionalizando.

Em 1980, Julio Cortázar realizou uma série de conferências na Universidade de Berkeley (registradas em *Clases de literatura*. Ed. Alfaguara, 2014). Numa de suas últimas aulas, ao ser perguntado por uma aluna brasileira sobre o que ele conhecia da nossa literatura, pediu-lhe muitas desculpas e confessou não conhecer nada, alegando, para justificar essa lacuna, o distanciamento linguístico do Brasil em relação ao restante da América Latina. Você acha que essa situação mudou consideravelmente nestes últimos 40 anos? E o quanto acha que suas traduções (sem modéstia) já contribuíram para uma possível mudança neste quadro?

Acho que tem mudado muito, sim. Claro que num mundo plural e atomizado como esse em que a gente vive não podemos falar de conhecimento ou desconhecimento em termos absolutos. Mas as viagens ficaram mais fáceis, as distâncias menores, e o acesso a textos e livros nem se fale. O Brasil também cresceu e se firmou num tempo relativamente fugaz como uma potência progressista no nosso continente, cheia de promessas de desenvolvimento (falo apenas da percepção geral e superficial que se tinha aqui no México do processo que o Brasil vivia). Isso, claro, despertou o interesse pela língua e pela literatura brasileiras, porque nada nesse mundo está livre do toque da história econômica, muito menos os mecanismos de circulação da arte. O interesse foi correspondido por programas dos governos progressistas brasileiros para incentivar a circulação da literatura no exterior. Acredito que isso vai mudar depois dessa guinada que a política e a sociedade brasileira deram em direção ao obscurantismo. Sobre a contribuição das minhas próprias traduções nesse processo posso dizer pouco, não por excesso de modéstia, mas porque a maioria delas tem uma circulação muito restrita. Na minha experiência até agora, foi nas pequenas editoras independentes, e não nos grandes consórcios editoriais, onde mais abertura encontrei para propor livros e autores brasileiros. Isso limita realmente a circulação das traduções, que muitas vezes têm tiragens pequenas. Mas nunca se sabe: o tempo dirá. E os leitores.

César Aira, ao falar da literatura do Brasil, diz que ela está escrita “em uma língua apenas tenuemente estrangeira”. Como você vê essa questão da semelhança das duas línguas, de sua proximidade?

dade, ou seria uma falsa semelhança, falsa proximidade? Quais são os aspectos mais interessantes ou difíceis dessa tradução, dessa relação entre línguas?

Acho que a semelhança ou diferença entre línguas, embora parecendo tão evidente para alguns, passa a um segundo plano quando pensamos que os tradutores devem fazer constantes e complexas operações de transposição cultural. Nesse sentido, pesa mais a diferença entre culturas: a carga histórica, política, social das palavras, que vai além da sua aparente semelhança gramatical e, às vezes até a contrapelo dela. Eu desconfio dos exercícios de tradução literária que se amparam nessa semelhança e partem do desconhecimento real da língua e da cultura de partida. E considero que o conhecimento da cultura é tão essencial que eu mesma, tendo feito um curso completo de italiano, não ousou traduzir dessa língua por não ter tido tempo para mergulhar suficientemente na cultura italiana. Pelas mesmas razões, não me sinto confortável traduzindo do grego clássico, sendo que estudei Letras Clássicas, e confesso que até os textos de autores portugueses e africanos significam para mim uma carga extra de hesitações e perguntas, mais pelo peso das diferenças culturais do que pelo peso das diferenças linguísticas. Sei que chegar a esses extremos é um pouco neurótico da minha parte, claro, e não pretendo impor regras a ninguém. Seria extremamente empobrecedor.

Você, recentemente, iniciou outro trabalho lindo: traduzir em seu blog poemas, contos ou fragmentos de livros de autores brasileiros que a presentearam nas últimas viagens ao Brasil. Ou seja, está dando a conhecer aos mexicanos esses livros que até agora ficavam na sua biblioteca pessoal, impedidos de ter novos leitores. Considero esse, mais que um projeto pessoal, um gesto afetivo de grande intensidade. O que lhe dá esse ímpeto incansável de dar a conhecer os autores brasileiros? De que modo você faz sua seleção do que merece ser traduzido?

No fundo, continuo sendo aquela adolescente que queria dividir os livros que tinha em casa com as amigas. Abri o meu blog para isso, e incorporei também textos que traduzi para os meus alunos durante os dois anos e meio em que dei uma aula de literatura brasileira na universidade. Então, tem lá textos que traduzi por necessidade didática e textos que simplesmente me pareceram interessantes ou admiráveis. Mas nos últimos anos fui recebendo cada vez mais livros de presente e quando olho para estante fico com dó deles: são inacessíveis para a maioria das pessoas que me cercam. Então pensei em ir traduzindo aos poucos pequenas amostras dos livros de poesia, guiada menos pelo meu gosto pessoal do que pela vontade de tornar disponível em espanhol o que existe de poesia na minha estante. O projeto ainda está no começo: é mais intenção do que fato. No momento estou muito ocupada ainda com os primeiros rascunhos do Bruxo.

Você tem mantido uma importante militância pela divulgação do nome dos tradutores nas capas dos livros, contra o anonimato do trabalho do tradutor. Como tem sido essa militância com as editoras? Você vê algum avanço? A que você atribui essa resistência das editoras?

Sim, o trabalho de tradução tem um caráter autoral que deve ser reconhecido, não para com-
prezer a vaidade dos tradutores, mas por simples responsabilidade: o leitor tem direito a saber e

lembrar que o texto que ele está lendo não é o original, que quem assina como tradutor também se responsabiliza pela qualidade da obra resultante. O trabalho de convencimento com as editoras é constante e cansativo, mas necessário. Muitas delas, me parece, não colocam o tradutor na capa por simples rotina, porque nunca pararam para pensar que era importante (demonstrando assim que desconhecem as complexidades do trabalho dos tradutores). Outras, as mais poderosas, talvez tenham interesses inconfessáveis: reconhecer e visibilizar o trabalho dos tradutores contradiz as práticas de exploração do seu trabalho. Vivemos num mundo ultra-hierárquico em que não é costume reconhecer o caráter coletivo do trabalho artístico. Mas considero que sim, que já é possível ver alguns resultados, graças à militância dos próprios tradutores nesse sentido, muitas vezes encarnada em associações gremiais.

O título de seu blog, “Traicionar es preciso”, resgata o velho debate sobre tradução como traição. O título é uma forma de confirmar essa crença, ou trata-se tão somente de um jogo intertextual?

Já fui amavelmente criticada em várias ocasiões por esse título. O blog é antigo, dos tempos em que eu ainda estava ligada aos meus estudos universitários e lia aquelas traduções bem literais que faziam os acadêmicos dos pobres autores clássicos. Eu percebia um medo, por parte desses acadêmicos, de “trair” os textos daqueles grandes e sacros imortais e, em consequência disso, eles acabavam traindo mesmo: a simplicidade de Homero, as belezas de Ésquilo, a elegância de Cícero. Traição, para eles era, ao que parece, tudo o que tinha a ver com o necessário caráter (re) criativo da tradução literária. Então reagi dessa maneira, defendendo ironicamente a “traição” como um exercício preciso (i. e.: necessário e exato).

Além de tradutora você também é poeta e conhecida entre os poetas no Brasil, especialmente pela tradução feita pela *Modo de usar & Co*, que apresenta *Fiat Lux* como “um trabalho excepcional de poesia que inclui a História”, “um livro que precisa ser traduzido e editado no Brasil, por se alinhar ao trabalho de vários críticos e autores nacionais que têm retornado à História nacional – para expor o imposto, revelar esconderijos. O *fiat lux* de Abramo é um *haja luz* literal”. Por esse seu trabalho com a história familiar, com reverberação numa espécie de álbum fotográfico, Paulo da Luz Moreira diz que você vai na contramão de uma tendência contemporânea e faz um un-selfie em seu livro. Como você concebeu esse trabalho que mescla o falar de si e o falar do outro, seja o outro da história, seja o outro íntimo? E como você vê seu livro agora, quase dez anos depois de escrito? Há algum novo projeto de livro de poemas a caminho?

As palavras e traduções do meu admirado Ricardo Domeneck na *Modo de usar & Co*. me honram muito, bem como os trabalhos de Paulo da Luz Moreira, um dos leitores mais responsáveis e cuidadosos do meu livro. Eu ainda sinto carinho por *Fiat Lux*. O livro está saindo do prelo agora na Argentina e está sendo traduzido para o português por Cláudia Dias Sampaio e para o inglês por Dick Cluster, e isso me deu a oportunidade de revisitá-lo. Penso que era o livro que eu tinha que escrever para indagar melhor a minha relação ao mesmo tempo próxima e distante

com o Brasil, com a linguagem, e também para homenagear uma história de luta e resistência que não tenho nenhum direito de reconhecer como própria, que fui conhecendo através de documentos e anedotas, e pela qual sinto grande admiração. Acho que essas e outras muitas histórias de resistência não devem ser esquecidas e têm muito a ensinar nos dias que correm no Brasil. O trabalho de tradução durante os últimos anos não me deixou tempo suficiente para escrever tanto como eu gostaria, mas já está quase pronto o meu segundo livro, que brinca com assuntos bem doidos e diferentes, como, por exemplo, a expansão grega pela África no segundo século antes de Cristo, à procura de elefantes.